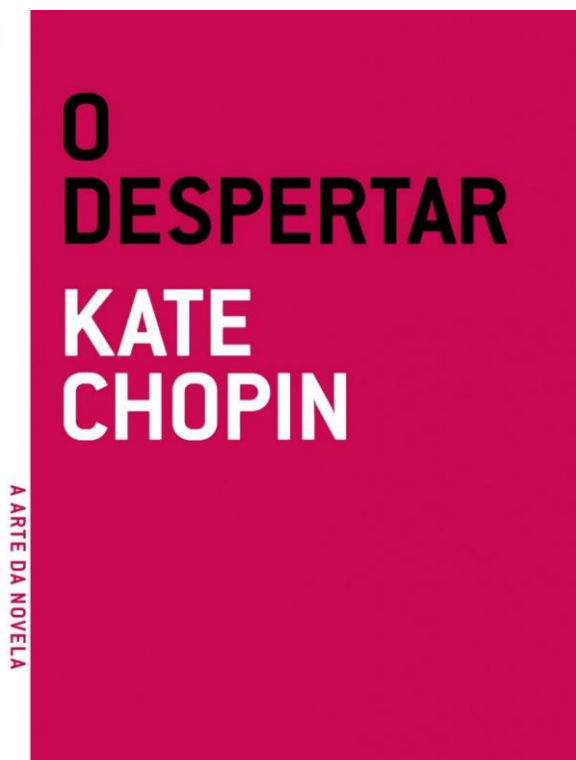


JANE PESSOA TRADUZ KATE CHOPIN

Por Edilene Pereira Possibom



Publicado em 1899, o livro *O despertar* (título original *The Awakening*), da escritora norte-americana Kate Chopin (1850-1904), foi alvo de críticas e banido por ser considerado ousado e vulgar. A obra ficou relegada por anos e voltou a circular e ser objeto de estudos a partir da década de sessenta do século XX, em meio aos movimentos feministas nos Estados Unidos.

Kate Chopin nasceu em Saint Louis, Missouri, e pertenceu à uma típica família *créole* (descendentes de colonos franceses e espanhóis que migraram para os Estados Unidos do século XVI ao XVIII). Ela também viveu em Nova Orleans, Louisiana, cidade que serviu de inspiração para seus contos e romances.

No início de 2022, a Grua Livros, em cooperação com a editora norte-americana Melville House Publishing, lançou uma nova edição deste belo romance. O livro faz parte da série *A arte da novela* (*The art of the novella*), na qual são publicados grandes

nomes da literatura mundial, por exemplo, Katherine Mansfield, Herman Melville, Mary Shelley, Honoré de Balzac, entre outros.

O livro *O despertar* foi traduzido para a língua portuguesa por Jane Pessoa, que enriqueceu a edição brasileira com suas notas:

A little girl performed a skirt dance in the center of the floor. The mother played her accompaniments and at the same time watched her daughter with greedy admiration and nervous apprehension. [...] (*The awakening*, 36)

Uma menininha executou a dança da saia no centro do salão. A mãe acompanhava-a, tocando, e ao mesmo tempo observava a filha com uma admiração sôfrega e uma apreensão nervosa. [...] (*O despertar*, 56)

21 No original, “skirt dance”. Trata-se de uma dança popular do século XIX em que as dançarinas manipulavam longas saias rodadas e em camadas, girando e criando movimentos esvoaçantes e inesperados. Por ser considerada uma dança refinada, e não vulgar, as damas da sociedade puderam aprendê-la, tornando-a assim um entretenimento de salão.

A obra possui vários diálogos e expressões em língua francesa, que também ganharam notas da tradutora:

[...] Victor perdera toda a noção de cortesia, ou então pensava que sua anfitriã não estava falando sério, pois riu e continuou:

“Ah! Si tu savais!

*Ce que tes yeux me disent...”*⁴⁴

44 “Ah! Se tu soubesses / O que teus olhos me dizem...” (*O despertar*, 185)

No livro acompanhamos as angústias de Edna Pontellier, esposa e mãe sufocada pelas normas de uma sociedade patriarcal. Assim como Kate Chopin, a tradutora consegue nos passar, logo nas primeiras páginas, um pouco da condição feminina da época:

“You are burnt beyond recognition,” he added, looking at his wife one looks at a valuable piece of personal property which has suffered some damage. She held up her hands, strong, shapely hands, and surveyed them critically, drawing up her fawn sleeves above the wrists. [...] (*The awakening*, 7)

“Você está irreconhecível queimada desse jeito”, acrescentou ele, olhando para a esposa como quem olha para um item valioso de sua propriedade que sofrera algum dano. Ela ergueu as mãos, mãos fortes e bem talhadas, e as avaliou criticamente, puxando as mangas de musselina acima dos punhos. [...] (*O despertar*, 13)

He reproached his wife with her inattention, her habitual neglect of the children. If it was not a mother’s place to look after children, whose on earth was it? He himself had his hands full with his brokerage business. He could not be in two places at once; making a living for his family on the street, and staying at home to see that no harm befell them. He talked in a monotonous, insistent way. (*The awakening*, 12)

Ele repreendeu a esposa por sua desatenção, por sua negligência habitual em relação às crianças. Se não era responsabilidade da mãe cuidar dos filhos, de quem mais seria? Ele próprio estava ocupadíssimo com seus negócios de corretagem. Não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo; ganhar o sustento da família na rua e ficar em casa para prevenir que nenhum mal lhes acontecesse. Ele falava em um tom monótono e insistente. (*O despertar*, 20)

Kate Chopin nos insere em um ambiente multicultural da Louisiana, e a tradutora não deixou escapar os termos utilizados nas relações sociais da época, em uma sociedade miscigenada e marcada pela escravidão. Desta forma, encontramos palavras como “*créoles*” (descendentes de franceses e espanhóis); “*quadrarona*” (descendentes de brancos e mestiços), “*griffe*” (descendentes de mestiços e negros) e “*acadiana/acadiano*” (relativo aos povos originários das províncias marítimas do Canadá).

Outro detalhe importante que demonstra o rigor na tradução, refere-se à descrição da personagem principal, bem como das inquietações que começaram a gerar a vontade de se libertar do que era imposto às mulheres na época, iniciando um processo de conscientização em busca de uma voz própria, em busca da emancipação:

Mrs. Pontellier's eyes were quick and bright; they were a yellowish brown, about the color of her hair. She had a way of turning them swiftly upon an object and holding them there as if lost in some inward maze of contemplation or thought. Her eyebrows were a shade darker than her hair. They were thick and almost horizontal, emphasizing the depth of her eyes. She was rather handsome than beautiful. Her face was captivating by reason of a certain frankness of expression and a contradictory subtle play of features. Her manner was engaging. (*The Awakening*, 9)

Os olhos da sra. Pontellier eram ágeis e brilhantes; de cor âmbar, quase do mesmo tom de seu cabelo. Tinha um jeito de voltá-los rapidamente para um objeto e fixá-los ali, como se perdida em algum labirinto interior de contemplação ou pensamento. Suas sobancelhas, um pouco mais escuras que os cabelos, eram grossas, quase retas, e acentuavam a profundidade de seus olhos. Ela era mais atraente do que bonita. Seu rosto encantava por certa franqueza de expressão e por um jogo paradoxalmente sutil de feições. Tinha modos cativantes. (*O despertar*, 16)

In short, Mrs. Pontellier was beginning to realize her position in the universe as a human being, and to recognize her relations as an individual to the world within and about her. [...] (*The awakening*, 22)

Por fim, a sra. Pontellier estava começando a se dar conta de sua posição como ser humano no universo, e a reconhecer, como indivíduo, suas relações com seu mundo interior e com o que a rodeava. [...] (*O despertar*, 35)

A feeling of exultation overtook her, as if some power of significant import had been given her to control the working of her body and her soul. She grew daring and reckless, overestimating her strength. She wanted to swim far out, where no woman had swum before. (*The awakening*, 41)

Um sentimento de exultação tomou conta dela, como se algum poder de suma importância lhe tivesse sido dado para controlar o funcionamento de seu corpo e de sua alma. Ela se tornou audaciosa e imprudente, superestimando sua força. Queria nadar para longe, onde nenhuma mulher havia nadado antes. (*O despertar*, 63)

Na segunda orelha do livro, a editora menciona a preocupação do projeto em difundir a leitura de clássicos da literatura mundial, com a ajuda de grandes tradutores. Esta bela edição não deixa dúvidas quanto ao cuidado da editora em apresentar um ótimo clássico para o leitor brasileiro.

Kate Chopin: *O despertar*. Trad. Jane Pessoa. São Paulo: Grua, 2022. 240 p.

Edilene Pereira Possibom, paulistana, apaixonada por livros e gatos, é formada em Letras - Português/Inglês (Unicsul, 1994), com pós-graduação em tradução (Gama Filho, 2012). Frequentadora assídua da Casa Guilherme de Almeida, participou do Programa Formativo para tradutores literários (2015) e do Programa de Aprimoramento em tradução literária (2020, 2021 e 2022).